



— Distrito de Bragança
■ Concelho de Vimioso



■ Freguesia de Santulhão



Rua em Santulhão



Rua em Santulhão

ENQUADRAMENTO SÓCIO DEMOGRÁFICO

A aldeia de Santulhão situa-se no conselho de Vimioso, entre os rios Sabor e Maças, distando cerca de 17 quilómetros da sede do concelho. Segundo os censos de 2001, Santulhão possui 508 habitantes. A freguesia tem como principais actividades económicas a agricultura e pecuária, a olivicultura, construção civil, restauração e pequeno comércio.

CALENDÁRIO FESTIVO

As festas na aldeia de Santulhão inseridas no ciclo de Inverno são o Julgamento e Cortejo Fúnebre do Entrudo, celebradas na véspera e no dia de Carnaval.

DESCRIÇÃO

As festas de Entrudo são festas historicamente ligadas às Saturnais romanas e que, assimilando os mais diversos elementos culturais ao longo da história, têm ficado associadas à cosmologia cristã, à exaltação dos excessos e permissividade concedida aos dias anteriores à Quaresma, o período reflexivo em que se inicia o ciclo anual cristão. Em Santulhão, a chamada tradição do Entrudo consiste na elaboração de um boneco antropomórfico feito a partir de uma estrutura de madeira coberta com roupas velhas e enchida de palha. Este boneco, chamado Entrudo, pode estar vestido segundo o livre critério dos seus criadores, mas respeitando sempre a presença de membros genitais masculinos ou femininos exageradamente representados.

Na vigília de Carnaval os habitantes da aldeia realizam um cortejo fúnebre em que se percorrem várias ruas da aldeia, acompanhados, nos últimos dois anos, pelo grupo de Latos de Bagueixe, o qual proporciona um ritmo solene ao cortejo que contrasta com os gritos lançados pelos transeuntes em luto: “Oh! Minha avô, minha avó!”. O cortejo percorre algumas das ruas principais da aldeia realizando várias rondas em que se visitam os cafés principais da povoação, finalizando a performance num dos cafés para dar início ao baile.

No dia seguinte, a meio da tarde, os habitantes de Santulhão reencontram-se para percorrer novamente as ruas da aldeia, mas desta vez disfarçados na sua maioria com máscaras grotescas e vestimentas feitas de roupas velhas, e acompanhados pelos diferentes bonecos transportados em tractores agrícolas. A maioria dos participantes está provida de grandes quantidades de farinha que vai ser lançada uns aos outros, criando um ambiente de divertimento e algazarra geral. É ao acabar as rondas que se procede ao julgamento do Entrudo num largo do centro da aldeia: um juiz lê os ofícios (em que se fala sobre alguns temas da actualidade, com elementos de sátira social) e seguidamente deitam-se os bonecos para o meio do largo onde são espancados, queimados e arrastados, dando fim ao encontro ritual.

Existem versões contraditórias acerca da organização da construção dos bonecos; segundo alguns habitantes da aldeia, antigamente cada bairro da aldeia teria de construir um boneco próprio que depois iria ser julgado juntamente aos bonecos restantes. Outras vezes contam como em tempos mais antigos, era costume construir um só boneco representante do Entrudo para toda a aldeia, o que pode ser explicado pela desarticulação dos bairros devido aos fluxos migratórios que têm afectado a aldeia de Santulhão da mesma forma que se caracteriza a demografia trasmontana geral. Actualmente os bonecos são construídos por grupos de amigos e familiares, não havendo um critério aparentemente definido.

CATÁLOGO DE ELEMENTOS

Bonecos; mascarados; rondas rituais; consumo de álcool; irreverência social; casamentos; discurso de crítica social.

ASPECTOS ACTUAIS NO PANORAMA FESTIVO

Há algum tempo foi introduzida uma alteração respectivamente às datas da celebração do Entrudo, nomeadamente do cortejo fúnebre. Grande parte dos participantes encontram-se actualmente migrados, nos centros urbanos dentro do país, ou no estrangeiro, razão pela qual se viram obrigados a abandonar a aldeia durante as celebrações. Com a finalidade de manter o maior número de assistentes possível, optou-se por transladar o cortejo fúnebre para a véspera, deixando assim alterado o sentido cronológico do ritual simbólico.

Destacamos a colaboração activa da Associação para o Estudo e Protecção do Gado Asinino (AEPGA) nas festividades carnavalescas de Santulhão, participando nas rondas realizadas pela aldeia, integrando-se dentro da cerimónia do Entrudo.

Cabe-nos também mencionar o abandono de uma das práticas mais habituais nas festividades da zona trasmontana: os casamentos. Como comentou um habitante de Santulhão: "Olhe, os casamentos eram um dia muito divertido, o dia de Entrudo, pois claro havia muitos rapazes, assim com esse funil (...) e dizíamos assim: bem vamos a casar à noite (...), aí pelas dez horas vínhamos comer e vínhamos pôr os *embudes*, eu vinha pôr o meu o senhor levava o seu, cada um levava um, mas éramos sempre só dois rapazes. Dizíamos: temos aqui um casamento a realizar. Se a rapariga ficava contente, ou gostava do rapaz, íamos para dentro comer e beber (...) e era assim os casamentos. Íamos à porta das pessoas e casávamos ali à vontade. Depois mais tarde a Guarda começou-nos a proibir (...) começou a andar a atrás de nós (...) teve que se acabar essa tradição (...) ". Certamente os casamentos deixaram de ser celebrados, mas as gerações mais novas ainda se lembram, culpando a falta de juventude suficiente de ser a razão principal do abandono.

Poder-se-ia comentar também a possível existência de algum tipo de celebração exaltação da juventude, abandonada no tempo das grandes emigrações, chamadas festa de Santo Estêvão ou da Rosca, nas datas próximas ao dia do Santo, 26 de Dezembro. Segundo testemunhas da aldeia, os rapazes da aldeia realizavam provas de destreza física, os ganhadores tinham os componentes da rosca como prémio.

HIPERLIGAÇÕES

<http://www.santulhao.net/>

FONTES ORAIS

Eduardo Padrão, reformado, Santulhão.